

Para eles, a vida recomeça aos setenta

ALDO CAVALCANTE



Ulysses perdeu as últimas eleições — para presidente, mas não a paixão pela política. Para ele, o sonho não acaba nem aos 74 anos de idade

UMBERTO DE CAMPOS

Quando alguém entra pela primeira vez na Câmara dos Deputados e vai ao plenário, pode se surpreender. Especialmente se essa visita for feita num dia de debates acalorados, com discursos, apartes, questões de ordem e tentativas de obstruir as votações. A imagem do parlamentar ativo, de dedo em riste, grava-se imediatamente na memória.

Entre esses parlamentares, entretanto, existem homens que já não estão dispostos a brigar e a participar dessas discussões. Assistem impassíveis aos arroubos dos mais jovens e, às vezes, com uma palavra, uma orientação a um líder, resolvem questões que antes pareciam muito difíceis. Homens que, do alto de seus setenta anos, ou mais, têm experiência suficiente para evitar os confrontos diretos, mas que estão presentes e podem resolver os problemas com simples gesto ou palavra.

O que não se entende muitas vezes é como pessoas de idade avançada e que, depois de seis, sete, oito ou dez mandatos, ainda encontram forças para buscar — com unhas e dentes — a reeleição. Homens que se transforma-

ram em políticos e vêm participando ativamente das mudanças mais radicais do País. Homens como o deputado Ulysses Guimarães, que após 43 anos de mandato não hesita em buscar os votos que o façam retornar a Brasília ungido pelo voto dos paulistas. Ou o deputado João Alves de Almeida, deputado federal há 28 anos e que tentará a reeleição pela Bahia em 3 de outubro deste ano. Admiráveis figuras humanas que respiram política há tantos anos e pretendem respirar essa política até o último suspiro.

Quem também está predestinado morrer na política é o deputado João Alves (PFL-BA), Alagoano de 71 anos, dos quais, 28 na política. Ele repete o testemunho do "doutor Ulysses": "Um deputado com esse tempo de mandato já perdeu até a profissão".

João Alves também vai disputar a reeleição em 3 de outubro. E chega a ser até fatalista: "A gente tem de continuar deputado até perder a eleição ou morrer". Por isso não pára no seu gabinete, causando um verdadeiro frenesi na sua assessoria. É assim que ele vai à luta com a mesma jovialidade da primeira disputa.